



# **CAPITAL SOCIAL E DESENVOLVIMENTO LOCAL NO VALE DO RIO DOS SINOS: NOVO HAMBURGO E ESTÂNCIA VELHA**

**Everton Rodrigo Santos<sup>1</sup>  
Hemerson Luiz Pase<sup>2</sup>  
Daniela Muller De Quevedo<sup>3</sup>  
Isis Oliveira Bastos Matos<sup>4</sup>**

## **Resumo**

Este artigo analisa a relação existente entre o capital social e o desenvolvimento a partir do estudo de dois municípios do estado do Rio Grande do Sul, Novo Hamburgo e Estância Velha, municípios estes situados na região do Vale do Rio dos Sinos. Nossa hipótese de trabalho sugere que o capital social existente nestas localidades constitui-se em uma variável importante que pode explicar em parte o desenvolvimento destas cidades. A metodologia utiliza os resultados de duas pesquisas quantitativas, do tipo *surveys* domiciliares, aplicadas em ambos os municípios, com amostras probabilísticas, totalizando 1219 questionários, com erro amostral de 4% e confiança de 95%, bem como pesquisa documental nos *sites* das referidas prefeituras, IBGE,

---

*Recebimento: 19/11/2014 • Aceite: 5/11/2015*

<sup>1</sup> Doutor em Ciência Política pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professor da Universidade Feevale e da Universidade Luterana do Brasil, Novo Hamburgo, RS, Brasil. E-mail: [evertons@feevale.br](mailto:evertons@feevale.br)

<sup>2</sup> Doutor em Ciência Política pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professor colaborador da Universidade Federal de Pelotas, e professor da Universidade Federal do Rio Grande, Santa Vitória do Palmar, RS, Brasil. E-mail: [hlpase@yahoo.com.br](mailto:hlpase@yahoo.com.br)

<sup>3</sup> Doutora em Recursos Hídricos e Saneamento Ambiental pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora da Universidade Feevale, Novo Hamburgo, RS, Brasil. E-mail: [danielamq@feevale.br](mailto:danielamq@feevale.br)

<sup>4</sup> Doutoranda em Ciência Política pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil. E-mail: [isisbastos@gmail.com](mailto:isisbastos@gmail.com)

TCE e FEE. O estudo demonstrou que a confiança que as pessoas nutrem umas nas outras, bem como as formas de participação, solidariedade e cooperação estão correlacionadas positivamente com os índices de desenvolvimento local, em outras palavras, com indicadores de longevidade, renda, escolaridade e acesso a bens públicos.

**Palavras-chave:** Capital Social; Desenvolvimento; Novo Hamburgo; Estância Velha

## **SOCIAL CAPITAL AND LOCAL DEVELOPMENT IN VALE DO RIO DOS SINOS: NOVO HAMBURGO AND ESTÂNCIA VELHA**

### **Abstract**

This article analyzes the relationship between social capital and the study development about two counties, Novo Hamburgo and Estância Velha, in Rio Grande do Sul state, these counties are situated in Rio dos Sinos Valley. Our working assumption suggests that the available social capital in these counties constitute an important variable that may partly explain the development of these cities. The methodology uses the results of two quantitative surveys, household survey type, applied in both counties, with random samples, totaling 1219 questionnaires, with sampling error of 4% and 95% confidence, as well as documentary research on those City Halls websites, IBGE, TCE and FEE. The study showed that trust that people nurture each other as well as the forms of participation, solidarity and cooperation are positively correlated with indices of local development, in other words, with indicators of longevity, income, education, access to public establishments.

**Keywords:** Social Capital; Development; Novo Hamburgo; Estância Velha

## Introdução

O desenvolvimento surgiu, conceitualmente, como sinônimo de crescimento econômico e de progresso, que supõe uma espécie de determinismo histórico evolucionista no sentido do atrasado para o moderno, do tradicional ao desenvolvido, do rural para o urbano. Neste contexto, o desenvolvimento foi visto meramente como um produto que sistematiza a riqueza produzida e a distribuição de seus recursos. Assim, o principal indicador desta concepção primeira de desenvolvimento econômico foi o PIB (Produto Interno Bruto) de uma região ou país. A bibliografia sobre o desenvolvimento tem avançado nesta questão, propondo-o como um processo mais complexo e mais amplo que levaria em conta não somente a dimensão econômica, mas também o acesso à educação, à saúde, à participação, criando-se, a partir dos anos 90, indicadores para mensurá-lo, tais como o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), o Índice de Desenvolvimento Socioeconômico (IDESE), no caso do Rio Grande do Sul, a Felicidade Interna Bruta (FIB), entre outros. Nossa concepção de desenvolvimento vai nesta direção, sendo entendida como a ampliação das capacidades humanas de uma população, de um país ou região nas suas múltiplas dimensões, isto é, a ampliação da longevidade das pessoas, de seus níveis de instrução, dignidade de vida e de participação comunitária (SEN, 2000).

Nesta ordem das coisas, há um debate crescente nas Ciências Sociais contemporâneas que tem chamado a atenção para a relação existente entre esta concepção de desenvolvimento com a cultura política de uma determinada região, em outras palavras, que haveria uma relação importante entre o desenvolvimento e o capital social de uma dada comunidade.

A bibliografia especializada tem enfatizado que as possibilidades do desenvolvimento estariam mais relacionadas com o volume de capital social existente em uma determinada sociedade, ou seja, com laços de solidariedade, confiança interpessoal e sistemas de participação social, do que com os fatores econômicos propriamente (PUTNAM, 2000). Essas características cívicas contribuiriam para o processo de desenvolvimento no sentido mais amplo, quer seja através da comunicação, coordenação, troca, ajuda mútua, cooperação para a construção de bens e serviços que beneficiem amplas parcelas da população.

Esta nova perspectiva da literatura científica acaba propondo um novo ângulo de compreensão em relação às interpretações pretéritas sobre o desenvolvimento, que recaíam em explicações

macroanalíticas dos dilemas nacionais, centro e periferia, desenvolvimento ou subdesenvolvimento (CARDOSO e FALETTO, 1970; FURTADO, 1961), em que as possibilidades do desenvolvimento ligavam-se à superação de certos obstáculos estruturais, certas assimetrias do sistema capitalista internacional.

Não desconsiderando a importância desta bibliografia para a compreensão do processo de desenvolvimento brasileiro, dadas as características de nosso recorte teórico e metodológico, pretendemos, neste artigo, inflexionar por uma episteme endógena, dando ênfase aos problemas de ordem interna em detrimento das questões externas macroestruturais citadas.

Este artigo objetiva analisar o impacto do capital social sobre o desenvolvimento local em duas cidades da região metropolitana de Porto Alegre: Novo Hamburgo e Estância Velha. Nossa hipótese de trabalho sugere que o capital social existente nestas cidades constitui-se em uma variável importante que pode explicar em parte seu desenvolvimento, em outras palavras, o capital social existente impulsiona o desenvolvimento local. A confiança, a solidariedade e a participação serão indicadores de existência de capital social, que será considerado variável independente em relação ao desenvolvimento, cujos indicadores serão a idade, a renda, a escolaridade, o acesso a bens e serviços, entre outros.

Os dois municípios em tela fazem parte do Corede do Vale do Rio dos Sinos (Conselho Regional de Desenvolvimento do Vale do Rio dos Sinos) e, no passado, pertenciam à cidade de São Leopoldo, conhecida por ser o berço da imigração alemã no estado. A propósito de serem cidades originárias da mesma matriz de imigração alemã, apresentam diferenças em várias dimensões, especialmente no seu *timing* de emancipação política institucional, no número de habitantes e nas dotações orçamentárias. Em Novo Hamburgo, por exemplo, há atualmente cerca de 240.000 habitantes, em Estância Velha, há somente 40.000 habitantes. No entanto, seus Índices de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) e Índices de Desenvolvimento Socioeconômico (IDese), que foram respectivamente 0,747 e 0,719 em Novo Hamburgo e 0,757 e 0,741 em Estância Velha, são muito semelhantes, de acordo com os últimos dados do PNUD e da FEE (2010), com uma leve vantagem para o segundo. O que poderia explicar essas semelhanças, essas aproximações quando se examinam seus IDHs ou IDESEs? Que fatores poderiam facilitar o desenvolvimento local? Qual o papel da cultura local para o desenvolvimento destas cidades? Essas questões remetem

para outra questão central: qual a relação existente entre o capital social nestas municipalidades e o desenvolvimento local?

Objetivando responder a essas questões, faremos uma breve digressão, primeiramente sobre as características históricas e institucionais dos municípios estudados, atentando para o fato de ambos serem duas cidades diretamente ligadas à imigração alemã no Rio Grande do Sul no século XIX, caracterizando-se como municípios de médio e pequeno porte que tiveram aportes de capital social mais generosos, quando comparados à região Sul do estado, bem como uma indústria calçadista importante até recentemente.

No segundo tópico, abordaremos a teoria do capital social na tradição de Robert Putnam, relacionando-a com a temática do desenvolvimento na tradição proposta por Amartya Sen, chamando a atenção para o fato de que relações de confiança interpessoal, cooperação, solidariedade e níveis de organização de uma sociedade são fatores que a teoria tem demonstrado serem propulsores do desenvolvimento local. Finalmente, analisaremos, na última parte do artigo, em que medida esta elaboração teórica possui capacidade explicativa sobre a empiria recolhida a partir da análise dos dados referentes às duas cidades.

A metodologia utiliza os resultados de duas pesquisas quantitativas, tipo *surveys* domiciliares, aplicadas em ambos os municípios, Novo Hamburgo (613) e Estância Velha (606), em 2012, com amostras probabilísticas, totalizando 1219 questionários, com erro amostral de 4% e confiança de 95%, bem como pesquisa documental nos *sites* das referidas prefeituras, IBGE, TCE e FEE. Posteriormente, utilizamos o SPSS para dar tratamento estatístico para os dados, tanto na frequência, quanto no cruzamento das variáveis e testes de correlação.

## **Características Históricas e Institucionais dos Municípios Estudados**

A partir do século XIX, mais precisamente em 1804, os portugueses promoveram a primeira divisão territorial do Rio Grande do Sul (na época, Província de São Pedro do Rio Grande do Sul), criando inicialmente quatro municípios, com a finalidade de ocupar estratégica e militarmente a região: Rio Grande, Porto Alegre, Santo Antônio da Patrulha e Rio Pardo (SIEDENBERG, 2004). Assim, ao longo de sua história política, houve outras subdivisões, criando-se 88 municípios no século XIX, inclusive o município de São Leopoldo, elevado à condição de vila em 1846 e de cidade em 1864, que incluía,

naquela época, as atuais cidades de Novo Hamburgo e Estância Velha, objeto de nossa análise<sup>5</sup>.

Todavia, merece especial destaque a configuração histórica destes municípios em tela. A despeito da importância dos mesmos para a região e o estado, poucos são os estudos existentes sobre suas trajetórias históricas<sup>6</sup>. Todos eles, no entanto, partem da história do município de São Leopoldo e de sua imigração alemã, visto que, por força de origem, ambos estão intimamente ligados a ele.

Na região que viria a ser São Leopoldo, em meados do século XVIII, foi estabelecida uma feitoria do lado esquerdo do Rio dos Sinos, destinada ao plantio de linho cânhamo <sup>7</sup> por lusos e luso-brasileiros. Após a Independência do Brasil, o governo imperial constituiu uma política de ocupação de áreas pouco povoadas, oportunizando que, em 1824, tivesse início a imigração alemã oficial na região, a partir da chegada de menos de 40 imigrantes. Posteriormente, as estatísticas do período apontaram que, entre os anos de 1824 e 1830, entraram cerca de 5.350 alemães no estado do Rio Grande do Sul e, entre os anos de 1830 e 1889, foram introduzidos mais 20.000 imigrantes alemães que aqui desembarcaram, sendo responsáveis pela criação de 142 colônias alemãs no estado (ANUÁRIO, 2012).

O projeto imperial destinava-se a atender a necessidade de criação de um grupo capaz de realizar o contraponto em uma sociedade estruturada com base numa aristocracia escravista, pecuarista e latifundiária e, ainda, que pudesse desenvolver uma policultura que abastecesse o mercado interno (CUNHA, 2006). Assim, as condições peculiares da implantação da política de imigração no extremo sul do país possibilitaram a formação de pequenas propriedades rurais com mão de obra familiar (LANDO e BARROS, 1980).

Este período caracterizou-se pela superação dos obstáculos provenientes do não cumprimento dos contratos e promessas

---

<sup>5</sup> Mas é a partir da segunda metade do século XX e início do XXI que se observa um crescimento vertiginoso dos municípios, chegando-se a 496, em 2013 .

<sup>6</sup> Particularmente sobre a cidade de Estância Velha, ainda não há bibliografia acadêmica produzida.

<sup>7</sup> As embarcações lusitanas utilizavam cordas e velas produzidas pela fibra desta planta que era cultivada e trabalhada por escravos na Real Feitoria do Linho Cânhamo. Nesta região, surgiram dezenas de fazendas que se destinavam à matéria para a produção de produtos deste estabelecimento. Uma destas fazendas chamava-se Estância Velha, que dará o nome à própria cidade posteriormente de Estância Velha, ALVES, Eliege Moura. "Uma presença invisível: escravos em terras alemãs (1850-1870)". IN: NUNES, Margarete Fagundes (org.). *Diversidade e Política Afirmativas: diálogos e intercursos*. 2ª edição. Novo Hamburgo: Feevale, 2006.

realizados pelo governo imperial e seus agentes captadores de imigrantes. Não obstante os entraves, a cidade apresentou rápido e constante crescimento econômico, fomentado pela instalação da estrada de ferro que possibilitou a ligação da cidade com outras áreas da província, em especial, Porto Alegre, tornando-se paulatinamente um dos principais mercados fornecedores de produtos agrícolas do Rio Grande do Sul.

Nesta nova configuração “os comerciantes ganharam destaque no centro urbano pelo sucesso financeiro que já haviam obtido. Seriam eles, junto com os brasileiros que detinham o poder político local, que formariam a elite do lugar” (RAMOS, 2006, p. 434). Da mesma forma, tem-se o desenvolvimento de um processo de construção de identidade vinculada à ideia de pertencimento cultural à antiga nação e, conseqüentemente, à etnia alemã (WEBER, 2004). Ramos (2006) postula que os imigrantes desenvolveram a ideia de pertencimento a uma etnia e a uma cultura própria, internamente delimitada e externamente reconhecida.

O processo de desenvolvimento econômico, ligado prioritariamente à agricultura, alavancou o desenvolvimento de atividades de comércio e indústria. Muitos dos imigrantes realizavam, em seu país de origem, ofícios outros que não o do plantio. O isolamento e as necessidades da cidade permitiram o desenvolvimento de uma indústria incipiente que se irradiou pela região circunvizinha.

A indústria calçadista foi a atividade industrial que assumiu maior relevância na região do Vale do Rio dos Sinos e, especialmente, em Novo Hamburgo e Estância Velha, que ainda pertencia ao município de São Leopoldo. Em 1898, Pedro Adams Filho inaugurou a primeira fábrica de calçados onde hoje é Novo Hamburgo, fomentando o surgimento de indústrias secundárias nesta localidade (SCHEMES e PRODANOV, 2005). Nas primeiras décadas do século XX, havia 66 indústrias de couro, com 1180 operários e 590 máquinas (RAMBO, 1956).

O município de Novo Hamburgo obteve sua emancipação em 5 de abril de 1927 e contabiliza atualmente uma população estimada em 247.781 habitantes espalhados em 223,8 quilômetros quadrados, com uma densidade demográfica de 1.067,5 habitantes por quilômetro quadrado (IBGE, 2013). A cidade de Estância Velha, vizinha de Novo Hamburgo, emancipou-se mais recentemente, em 8 de setembro de 1959, e possui uma área total bem menor, com 52,4 quilômetros quadrados, possuindo também um número menor de habitantes, com uma população estimada em 45.500, sendo 816,4 habitantes por quilômetro quadrado (IBGE, 2013).

Essas emancipações podem ser explicadas por duas razões básicas: uma pela necessidade que os governos estaduais tinham de garantir e obter maior representatividade na distribuição dos recursos federais e outra pelas demandas locais, ou seja, pelo crescimento demográfico, industrial, comercial e pelas necessidades de melhorias na infraestrutura urbana e qualificação dos serviços públicos (SIEDENBERG, 2004) <sup>8</sup>.

Nesse sentido, as emancipações geraram situações novas, organizaram estas localidades com suas leis orgânicas, aproximando estas comunidades de sua estrutura estatal, canalizando, de certa forma, recursos para a região.

Paralelamente a esses novos arranjos institucionais, ao longo do século XX, houve um processo de industrialização crescente no Vale do Rio dos Sinos, com a formação de polos industriais de referência nacional e internacional, como foi o caso da expansão do setor coureiro-calçadista, nas décadas de 1970 até meados dos anos de 1990, que viveu o auge da exportação de sapatos. Todavia, no final dos anos 90, assistimos à queda deste setor coureiro-calçadista, com fechamento de fábricas e deslocamento de empresas para outras áreas do país a partir do fortalecimento da China como a segunda economia mundial e do aumento das importações.

Assim, um dos desafios postos no horizonte destas cidades nas últimas décadas tem sido justamente a busca da superação desta matriz centrada na indústria calçadista para poder alavancar o seu desenvolvimento. Neste sentido, estas comunidades têm nos seus municípios e nas políticas públicas um aliado estratégico para este empreendimento e, conseqüentemente, a superação de seus obstáculos. Todavia, como veremos, os desafios para o desenvolvimento parecem guardar também uma relação importante com a cultura política local. Neste sentido, as possibilidades do desenvolvimento dependeriam muito menos das instituições políticas (num sentido estritamente formal) e muito mais da capacidade organizativa destas localidades, o chamado capital social (SANTOS, 2013).

## **Desenvolvimento e Capital Social**

As abordagens do desenvolvimento centradas no crescimento econômico perderam seu prestígio a partir da década de 1970, em razão da incapacidade de solução para os graves problemas da

---

<sup>8</sup> Não podemos deixar de citar aqui as disputas políticas locais também como fontes de emancipações.

humanidade, mesmo em países com substanciais índices de crescimento e acúmulo de riquezas. Exemplos dessas contradições são discutidos desde 1972, na reunião do Clube de Roma, que apontava a necessidade de se repensar o desenvolvimento em relação à questão ambiental. A Conferência de Estocolmo, realizada em 1972, e a Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (1991), conhecido como Relatório Brundtland, versam sobre esse mesmo questionamento: como considerar desenvolvida uma sociedade que destrói o meio ambiente ou mesmo que compromete as futuras gerações com condições precárias de vida?

Nesta perspectiva, Amartya Sen (2000) realiza um estudo no qual demonstra que o crescimento econômico materializado pelo Produto Interno Bruto (PIB) ou mesmo artificialmente mediatizado pelo PIB *per capita* é insuficiente para melhorar a qualidade de vida de alguns segmentos sociais, particularmente os mais excluídos, mesmo em países ricos. Sen (2000) prova sua tese, demonstrando que os homens negros norte-americanos têm uma expectativa menor de sobrevivência do que os habitantes da China ou da província de Kerala, na Índia.

Em razão destas contradições, o autor propõe uma abordagem inovadora, relacionando desenvolvimento com liberdade. Para ele, a expansão da liberdade é vista como o principal fim e o principal meio do desenvolvimento, consistindo na eliminação de privações de liberdade e de oportunidades das pessoas de exercerem ponderadamente sua condição de agentes.

Neste sentido, Sen (2000) busca inspiração em Aristóteles para afirmar que a riqueza não é um bem em si, e sim, um instrumento meramente útil para se obter outra coisa, isto é, somente tem sentido para aquilo que ela nos permite fazer ou adquirir, ou seja, as liberdades substantivas que ela nos ajuda a obter. Desta forma, o desenvolvimento para ele é entendido como a ampliação das capacidades humanas, em outras palavras, há desenvolvimento quando uma determinada sociedade vive mais, as pessoas são mais instruídas, têm uma vida digna e participam mais da vida em comunidade.

Esta inovação influenciou o Banco Mundial a criar, em 1990, o Índice de Desenvolvimento Humano – IDH, com o objetivo de avaliar os processos de desenvolvimento nacionais e subnacionais, possibilitando comparação e monitoramento, além da formulação de políticas públicas. O IDH é composto por três indicadores, a saber: a expectativa de vida ao nascer, a educação e o PIB *per capita*. Como se observa, dos três indicadores, dois dizem respeito a questões

relacionadas à qualidade de vida, à eliminação das privações de liberdade e apenas um diz respeito ao aspecto econômico.

O IDH deu origem a outros índices, como é o caso do Índice de Desenvolvimento Socioeconômico – IDESE, criado pela Fundação de Economia e Estatística do estado do Rio Grande do Sul, cujo objetivo é análogo ao do IDH, com a diferença de considerar os indicadores: educação, renda, condições de saneamento, domicílio e saúde. Este índice permite acompanhar, monitorar e comparar a média estadual com os índices dos municípios e das regiões.

Posta a questão do desenvolvimento, importa discutir a teoria do capital social que, na última década, tem colocado a participação comunitária no centro do interesse dos cientistas sociais. Antecipando-se à percepção de relevância do tema, James Coleman (1988) já haviam afirmado que, quanto maior a participação dos indivíduos em associações comunitárias, com a valorização das normas e regras democráticas, maior seria a contribuição positiva para o funcionamento e a consolidação da democracia.

O conceito de capital social enquanto forma de reação autônoma que se expressa através da atuação coletiva começou a ser utilizado recentemente na literatura acadêmica (REIS, 2003). Apesar da popularidade da temática, não podemos definir o conceito capital social como se fosse um conceito homogêneo, tendo em vista a extensa lista de críticos a sua capacidade interpretativa e de incidência na ação social (REIS, 2003; RENNO, 1998). Neste sentido, sua definição é problemática; por isso, o entendimento conceitual e teórico do capital social continua a se desenvolver.

Uma das primeiras teóricas a utilizar o termo “capital social” nos círculos acadêmicos foi Lyda Judson Hanifan, em 1916. Após esta conceituação, o termo desapareceu da literatura durante várias décadas, vindo a retornar ao debate no final da década de 1970, em diversos campos científicos. Foi o sociólogo Pierre Bourdieu quem, no ano de 1980, conceituou capital social como as redes permanentes que pertencem a um grupo e que asseguram a seus membros um conjunto de recursos atuais e potenciais. Mais tarde, em 1988, com James Coleman, na Sociologia da Educação e Robert Putnam (2000), na Ciência Política, o conceito capital social passou a ter maior expressão e maior importância. Coleman (1990) concebeu o capital social como os aspectos da estrutura social que facilitam certas ações comuns dos agentes dentro da estrutura, ou seja, normas e redes que facilitam a ação coletiva.

Para Putnam (2000), capital social são práticas sociais, normas e relações de confiança que existem entre cidadãos numa determinada

sociedade, bem como sistemas de participação e associação que estimulam a cooperação. Quanto maior e mais rico for o número de possibilidades associativas numa sociedade, maior será o volume de capital social.

Kliksberg (2003) argumenta que o campo do capital social é bastante amplo e está imerso em controvérsias, mas é possível defini-lo seguindo quatro elementos essenciais, a saber: 1) clima de confiança existente em uma sociedade, tanto nas relações interpessoais, como para poderes e atores sociais chaves, com o que, quanto menor for a confiança entre os membros de uma comunidade, maior será a dependência de terceiros para proteger os acordos e obrigar a sua execução, mais gestores legais, tribunais, polícia; em outro plano, a confiança nas instituições e nas elites diretivas decai, reduz-se a governabilidade, com múltiplos efeitos negativos; 2) a capacidade de uma sociedade gerar formas de cooperação e associações com sinergia; 3) a consciência cívica, a atitude predominante para o coletivo, desde o mais elementar, como o cuidado dos parques públicos, até a responsabilidade fiscal e 4) valores éticos preservados entre os integrantes da comunidade. Kliksberg relaciona o capital social aos baixos índices de corrupção, delinquência e criminalidade em países desenvolvidos, como a Finlândia, Noruega, Suécia, Holanda e Canadá, países com um nível elevado de qualidade de vida (saúde, educação, equidade econômica).

O conceito capital social também está suscitando interesse nas instituições econômicas internacionais. Após o fracasso da aplicabilidade das políticas do Consenso de Washington no âmbito econômico e social nos países de economias emergentes, há uma tendência das instituições (FMI, Banco Mundial) reverem seus programas, considerando mais a dimensão social com a parceria da sociedade civil no desenvolvimento econômico de cada país. A revisão das metas do Consenso de Washington e sua nova abordagem são conhecidas, agora, como *Post-Washington Consensus*.

As propostas do Banco Mundial e da Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OECD) encontram-se nesta mesma direção, ou seja, o capital social diz respeito a instituições, relações e normas que conformam a qualidade e a quantidade das interações sociais de uma sociedade. A OECD o define, em seu informe *The Well-Being of Nations: the role of human and social capital* (OECD, 2001), como as redes junto com normas, valores e opiniões compartilhadas que facilitam a cooperação dentro dos grupos e entre eles.

O grupo temático que discute o capital social no Banco Mundial o entende, em outras palavras, como a capacidade de relacionamentos dos indivíduos, suas redes de contatos sociais baseadas em expectativas de reciprocidade e comportamento confiáveis que, no conjunto, melhoram a eficiência individual. No plano coletivo, o capital social ajudaria a manter a coesão social pela obediência às normas e leis, bem como a negociação em situações de conflito e a prevalência da cooperação sobre a competição, tanto nas escolas quanto na vida pública, o que resultaria em um estilo de vida baseado na associação espontânea, no comportamento cívico, enfim, numa sociedade mais aberta e democrática.

Talvez a ideia mais central que integra o conceito seja a confiança (*trust*). É nela que residem todas as relações que solidificam a comunidade, não existe empreendimento, cultura cívica nem capital social sem a confiança. Segundo Baquero (2003), três vertentes de pensamento têm indicado as fontes geradoras da confiança e podem ser assim definidas: a) a atividade voluntária, que se constitui no mecanismo essencial para sustentar a confiança generalizada; b) a confiança, surgida como resposta a experiências pessoais e com instituições fora do universo daquelas pequenas associações às quais um indivíduo é filiado, e c) há um leque de instituições que promovem o capital social além das associações voluntárias, tais como a família, as escolas, os meios de comunicação.

Aplicando-se esta perspectiva teórica do capital social ao caso do Rio Grande do Sul, Bandeira (2003) estabelece uma diferença regional no estado muito semelhante ao que Putnam (2000) fez na Itália. Como primeira aproximação, haveria uma diferença entre o “Norte colonial”, cuja “matriz é italiana e alemã” com existência de pouca escravidão e predomínio do minifúndio. Em contraste, nós teríamos no “Sul”, uma “matriz ibérica” com o predomínio do latifúndio e o uso extensivo da mão de obra escrava.

No que se refere à primeira região, Bandeira (2003) ressalta que estas zonas coloniais de imigração alemã e italiana estão dotadas de mais capital social do que as da região sul. Nas primeiras, encontramos uma infinidade de associações recreativas, clubes sociais, sociedades de canto, de atiradores e de artistas, bem como uma intensa

---

<sup>9</sup> Quando nos referimos à “matriz ibérica” ou “tradição ibérica”, estamos nos reportando às formas hierárquicas, verticais da organização da vida social. Assim, quando nos referimos à “matriz italiana e alemã” ou “imigração italiana e alemã”, estamos fazendo menção à forma horizontal de organização da vida social e não a questões de ordem étnica ou racial.

vida social colaborativa e cooperativa entre os primeiros colonos que aqui chegaram no século XIX. As estatísticas do período têm apontado que entre os anos de 1824 e 1830, entraram cerca de 5.350 alemães no estado do Rio Grande do Sul e, entre os anos de 1830 e 1889, foram introduzidos mais 20.000 imigrantes que aqui desembarcaram, sendo responsáveis pela criação de 142 colônias alemãs no estado (ANUÁRIO, 2012). Nos municípios que surgiram a partir do desmembramento de São Leopoldo, encontra-se um quadro de povoamento semelhante, no qual a composição étnica esteve inicialmente marcada pelos alemães (WEBER, 2006), como no caso das cidades aqui analisadas, Novo Hamburgo e Estância Velha. Todavia, devemos levar em consideração que outros grupos étnicos raciais também compuseram o cenário desta região, especialmente índios, negros, açorianos e luso-brasileiros, muito embora apareçam comumente na bibliografia como agentes de experiências fracassadas (NUNES, 2009). Os dados de nossa pesquisa em 2012 e 2013 desmistificaram a ideia de uma “sociedade alemã” atualmente nestas localidades, na medida em que apenas 31% dos Hamburgueses se autodeclararam de origem étnica alemã e, em Estância Velha, 37%, um percentual ligeiramente maior.

Dentro da matriz teórica do capital social, também Monastério (2003) analisa a qualidade das administrações municipais no estado do Rio Grande do Sul. Nas localidades, que ele denomina de planalto e serra (utilizando outra divisão territorial, mas referindo-se às zonas de imigração), há os melhores indicadores de qualidade da administração pública em contraposição às regiões da campanha (Sul). Em sua análise, na região da campanha, há menor formulação legislativa, menos informatização, menos conselhos, gasta-se o mínimo previsto na legislação com saúde e educação, ao passo que, na serra e no planalto, mais ao norte do estado, estes indicadores tendem a ser melhores pela dotação de capital social.

Nossas duas cidades em tela (Novo Hamburgo e Estância Velha) situadas na região do Vale do Rio dos Sinos, ao norte do estado do Rio Grande do Sul, guardam particularmente uma interessante relação entre o capital social e seus níveis de desenvolvimento, como veremos.

## **Nexos entre o Desenvolvimento Local e o Capital Social**

Para avaliar a relação entre o desenvolvimento local e o capital social, examinamos inicialmente os níveis de desenvolvimento nestas localidades. Seguindo nossa orientação teórica a partir de Sen (2000),

que entende o desenvolvimento humano como a ampliação das capacidades humanas, tomamos o IDHM como o indicador mais próximo deste conceito.

Neste sentido, quando olhamos primeiramente para o IDHM dos municípios em tela, entre os anos de 1991 e 2010, o que corresponde aos últimos 20 anos, podemos verificar que ambos os municípios, em 2010, alcançaram um IDHM alto de 0,747 e 0,757 respectivamente (entre 0,7 e 0,799), conforme **Tabela 1**.

**Tabela 1:** Índice de Desenvolvimento Humano Municipal

	<b>Novo Hamburgo</b>	<b>Estância Velha</b>
<b>1991</b>	0,544	0,537
<b>2000</b>	0,671	0,674
<b>2010</b>	0,747	0,757

Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano. Ano 2013.

Do ano de 1991 ao ano de 2000, o município de Novo Hamburgo teve uma taxa de crescimento de seu IDH na ordem de 23,35%, e entre os anos de 2000 a 2010, 11,33%. Já o município de Estância Velha cresceu mais, 25,46% de 1991 a 2000 e 12,31% entre os anos de 2000 a 2010.

Também observamos que, a partir de 2000, a cidade de Estância Velha (0,674), muito embora de menor porte, com cerca de 40.000 mil habitantes, passou à dianteira em relação a Novo Hamburgo (0,671) no seu IDHM, um município de médio porte, com cerca de 240.000 mil habitantes, fortemente urbanizado e industrializado.

Como este indicador (IDHM) é composto pelos componentes de escolaridade, renda e longevidade, fica a questão: quais foram os componentes que puxaram este índice para cima nestas cidades? Podemos verificar verticalmente que a dimensão que mais cresceu no período de 20 anos foi a escolaridade, seguida pela alternância ora da renda, ora da longevidade. A bibliografia especializada tem apontado que o crescimento nos níveis de educação pode favorecer o fomento de capital social. Quando olhamos para os índices de capital social nestas cidades, na **Tabela 2**, percebemos estoques mais elevados de capital social em Estância Velha comparados com Novo Hamburgo, ou seja, estoques mais altos de confiança interpessoal, solidariedade, organização e participação política. O capital social parece perfilar-se com os índices de IDHM destes mesmos municípios.

Na **Tabela 2**, observamos que os índices de capital social na cidade de Novo Hamburgo apresentaram 1% de alto, 28% de médio e 71% de baixo, comparado com 2% de alto em Estância Velha, 40% de

médio, caindo para 58% de baixo. Numa análise comparativa, é a cidade de Estância Velha que mostra maiores estoques de capital social entre seus habitantes do que em Novo Hamburgo e aquela que apresentou maiores índices de IDHM também indo ao encontro de nosso quadro teórico.

**Tabela 2:** Índice de Capital Social (ICS) dos Municípios de Novo Hamburgo e Estância Velha<sup>10</sup> (%)

	<b>Novo Hamburgo</b>	<b>Estância Velha</b>
<b>Alto</b>	1	2
<b>Médio</b>	28	40
<b>Baixo</b>	71	58
<b>Total</b>	100	100

Fonte: Projeto de Pesquisa Capital Social e Políticas Públicas em Novo Hamburgo e Estância Velha: Subsídios para o Desenvolvimento/ CPP FEEVALE; Ano 2012; Novo Hamburgo N: 613; Estância Velha N: 606.

10 Este Índice de Capital Social (ICS) foi construído em parceria com o Nupesal de forma idêntica para as duas cidades, a partir da seleção de 9 questões que fossem capazes de dar conta do conceito de capital social em suas diferentes dimensões, conforme Robert Putnam. Neste sentido, procuramos açambarcar a dimensão da confiança interpessoal de uma determinada sociedade, a dimensão atitudinal para a solidariedade entre seus cidadãos e a dimensão societal que atenta para os níveis de organização e participação de uma determinada comunidade. São elas: “Em termos gerais, o senhor diria que se pode confiar nas pessoas ou não se pode confiar nas pessoas?” Sim (peso 2), Não (peso 0); “Gostaria de saber se o senhor confia muito (peso 2), pouco (peso 1) ou não confia (peso 0) na: igreja, família, vizinhos, associações comunitárias, sindicatos”; “O senhor costuma participar de: partidos políticos, reuniões políticas, comícios, associações comunitárias, associações religiosas, associações sindicais, conselhos populares, ONGs, orçamento participativo, abaixo-assinados, manifestações ou protestos, greves, ocupação de terrenos ou prédios públicos, outros” Sim (peso 2), Não (peso 0); “Nos últimos anos, o senhor tentou resolver algum problema local do bairro/comunidade junto com outras pessoas? Sim (peso 2), Não (peso 0); “Dentre os grupos que eu vou mencionar, quais deles existem no seu bairro: grupo político, grupo ou associação cultural, grupo educacional, grupo esportivo, grupo de jovens, ONG ou grupo cívico, grupo baseado na comunidade étnica, grupos de mulheres, outro” Sim (peso 2), Não (peso 0); “Se precisasse viajar por um ou dois dias, o senhor poderia contar com vizinhos para cuidar da sua casa e/ou filhos?” Sim (peso 2), Provavelmente (peso 1), Não (peso 0); “Em uma situação de emergência como a doença de um familiar ou perda de emprego, o senhor receberia ajuda:” familiares (peso 0), vizinhos (peso 2), colegas de trabalho (peso 2); “Se um projeto da comunidade não lhe beneficia diretamente, mas pode beneficiar outras pessoas do seu bairro, o senhor contribui pra este projeto?” Sim (peso 2), Não (peso 0). Este índice está ancorado teoricamente no conceito de capital social de Putnam(2000).

Para melhor exemplificarmos o índice de capital social e a título de ilustração das questões que compõem este índice, na **Tabela 3**, utilizamos a **confiança interpessoal**, como uma das tantas questões que mensuram o capital social. Os dados mostram que 24% das pessoas em Novo Hamburgo responderam que “se pode confiar nas pessoas”, contra 20% de Estância Velha, revelando haver uma proximidade no que se refere à confiança encapsulada, ou seja, intracomunitária.

**Tabela 3: Confiança Interpessoal**

	<b>Novo Hamburgo</b>	<b>Estância Velha</b>
<b>Não se pode confiar nas pessoas</b>	69	77
<b>Pode-se confiar nas pessoas</b>	24	20
<b>Não sabe</b>	7	3
<b>Total</b>	100	100

Fonte: Projeto de Pesquisa Capital Social e Políticas Públicas em Novo Hamburgo e Estância Velha: Subsídios para o Desenvolvimento/CPP FEEVALE; Ano: 2012; Novo Hamburgo N: 613; Estância Velha N: 606.  
 Questão: “Em termos gerais, você diria que: 1) Pode-se confiar nas pessoas 2) Não se pode confiar nas pessoas 3) NS.

Na mesma dimensão da confiança interpessoal, indagamos aos entrevistados que “se precisasse viajar por um ou dois dias, você poderia contar com a ajuda de vizinhos para cuidar de sua casa e/ou dos seus filhos?” Os resultados apresentados na **Tabela 4** mostram que, em Novo Hamburgo, 77% responderam afirmativamente que “sim ou provavelmente” e 17% negativamente. Em Estância Velha, o percentual sobe para 85% que responderam afirmativamente que poderiam contar com a ajuda dos vizinhos e 12% que não poderiam.

**Tabela 4: Contar com a Ajuda de Vizinhos**

	<b>Novo Hamburgo</b>	<b>Estância Velha</b>
<b>Sim</b>	66	78
<b>Provavelmente</b>	11	7
<b>Não</b>	17	12
<b>Não Sabe</b>	5	2
<b>Total</b>	100	100

Fonte: Projeto de Pesquisa Capital Social e Políticas Públicas em Novo Hamburgo e Estância Velha: Subsídios para o Desenvolvimento/CPP FEEVALE; Ano: 2012; Novo Hamburgo N: 613; Estância Velha N: 606.  
 Questão: “Se precisasse viajar por um ou dois dias, você poderia contar com vizinhos para cuidar da sua casa e/ou filhos? 1) Sim 2) Provavelmente, 3) Não” 4) NS.

Tais resultados sugerem existir, nessas duas cidades, níveis não desprezíveis de capital social comunitário, ingredientes necessários para construir uma cultura política participativa. Essa expectativa confirma-se nos dados da **Tabela 5**, quando perguntamos aos entrevistados sobre a importância da participação das pessoas em projetos comunitários.

Na **Tabela 5**, portanto, 90% da população de Estância Velha responderam que, mesmo que um projeto da comunidade não lhe beneficie, mas possa beneficiar outras pessoas do seu bairro, ele contribuiria para o projeto, e apenas 5% não contribuiriam. A mesma pergunta recebeu um percentual menor em Novo Hamburgo, 78% contribuiriam e 9% não contribuiriam. Os resultados parecem indicar que a cidade de Estância Velha tem maior potencial de produzir capital social do que Novo Hamburgo.

**Tabela 5:** Projeto da Comunidade que Beneficia Outras Pessoas

	<b>Novo Hamburgo</b>	<b>EstânciaVel ha</b>
<b>Sim</b>	78	90
<b>Não</b>	9	5
<b>Não Sabe</b>	13	5
<b>Total</b>	100	100

Fonte: Projeto de Pesquisa Capital Social e Políticas Públicas em Novo Hamburgo e Estância Velha: Subsídios para o Desenvolvimento/ CPP FEEVALE; Ano: 2012; Novo Hamburgo N: 613; Estância Velha N: 606.

Questão: “Se um projeto da comunidade não lhe beneficia diretamente, mas pode beneficiar outras pessoas do seu bairro, você contribuiria para este projeto? 1) Sim 2)Não 3)NS”.

Feitas estas constatações iniciais entre a existência de capital social nas respectivas cidades e seus IDHM, tornou-se necessário estabelecer os nexos entre o volume de capital social com o seu respectivo desenvolvimento local. Para tal fim, foi necessário criarmos um Índice de Desenvolvimento Local (IDL), seguindo nossa orientação teórica, e cruzarmos este índice com o nosso índice de capital social (ICS). Este IDL foi construído com base no conceito de desenvolvimento de Amartya Sen (2000), conforme já mencionado, ou seja, o desenvolvimento aqui é entendido como a ampliação das liberdades humanas, portanto, uma localidade é mais desenvolvida do

que a outra quando as pessoas vivem mais, são mais instruídas, têm maior dignidade de vida e participam mais da vida comunitária. Assim, selecionamos nove questões que dessem conta destas quatro diferentes dimensões do conceito, dando pesos maiores às alternativas dentro de cada dimensão que favorecesse a maior renda, a maior instrução, as melhores condições de vida e a participação comunitária como um índice piloto para mensuramos o desenvolvimento local, inspirados no índice de potencial de qualidade de vida criado por Baquero (2007), muito embora diverso<sup>11</sup>.

Como podemos observar na **Tabela 6**, a cidade de Novo Hamburgo apresenta 71% de alto IDL, 25% de médio e 4% de baixo, ao passo que Estância Velha apresenta uma ligeira melhora de 90% de alto, 10% de médio e nenhum IDL de baixo.

**Tabela 6:** Índice de Desenvolvimento Local (IDL) dos Municípios de Novo Hamburgo e Estância Velha (%)

	<b>Novo Hamburgo</b>	<b>Estância Velha</b>
<b>Alto</b>	71	90
<b>Médio</b>	25	10
<b>Baixo</b>	4	0
<b>Total</b>	100	100

Fonte: Projeto de Pesquisa Capital Social e Políticas Públicas em Novo Hamburgo e Estância Velha: Subsídios para o Desenvolvimento/ CPP FEEVALE; Ano 2012; Novo Hamburgo N: 613; Estância Velha N: 606.

<sup>11</sup> As seguintes questões foram selecionadas para compor o índice: Idade, abaixo de 35 anos (peso 0), de 36 a 55 anos (peso 1), acima de 55 anos (peso 2). Renda mensal familiar? De zero a 1.244,00 reais (peso 0) acima de 1.244,01 até 4.976,00 (peso 1), de 4.976,01 ou mais (peso 2) Escolaridade? Analfabeto a ensino fundamental incompleto (peso 0), ensino fundamental completo a ensino médio completo (peso 1), ensino superior incompleto ao completo e pós-graduação (peso 2). Agora, de maneira geral, como você avalia a qualidade dos serviços públicos em sua cidade? Muito insatisfeito e ruim (peso 0), parcialmente satisfeito (peso 1), satisfeito e muito satisfeito (peso 2). Como você avalia a qualidade dos serviços públicos, saúde, educação esporte/lazer, transporte, segurança, saneamento básico e habitação? Muito insatisfeito e ruim (peso 0), parcialmente satisfeito (peso 1), satisfeito e muito satisfeito (peso 2). Em geral, você teve ou tem dificuldade para pagar ou obter alimentação, medicamento, luz, água, vestuário, transporte, telefonia, moradia, acesso à justiça? Sim (peso 0) às vezes (peso 1) não (peso 2). Existem pessoas no seu bairro que não têm acesso a escolas, posto de saúde, água e esgoto, transporte? Muitas (peso 0), poucas (peso 1) nenhuma (peso 2). Quanto à acessibilidade arquitetônica para portadores de deficiência. Você considera sua cidade? Péssimo e ruim (peso 0), Regular (peso 1), bom e ótimo (peso 2). Atualmente você participa de algum grupo ou organização (associação de moradores, partidos, grupo religioso etc)? Sim (peso 1) Não (peso 0).

O que pode ser percebido comparando-se a **Tabela 6** de IDL com a **Tabela 2** ICS é que há um maior desenvolvimento local em Estância Velha, ao passo que também há um maior volume de capital social, comparando-se com Novo Hamburgo. Neste sentido, tornou-se imperativo verificarmos se há de fato uma correlação entre estes dois indicadores, ou seja, se o capital social de fato impacta no desenvolvimento local nestas respectivas cidades.

Desta forma, aplicamos o teste *Spearman's* em Estância Velha e constatamos que existe uma correlação direta fraca, mas significativa ( $R=0,133$ ;  $p=0,001$ ), entre o ICS e IDL, conforme **Quadro 1**.

**Quadro 1:** Correlação entre ICS e IDL em Estância Velha

			IDL-EV	CS-EV
Spearman's	IDL-EV	Correlation Coefficient	1,000	0,133**
		Sig. (2-tailed)	.	,001
		N	606	606
	ICS-EV	Correlation Coefficient	0,133**	1,000
		Sig. (2-tailed)	,001	.
		N	606	606

\*\* . A correlação é significativa no nível 0.01 (2-tailed).

Fonte: Projeto de Pesquisa Capital Social e Políticas Públicas/CPP FEEVALE.

N=606

Ano: 2012.

Aplicamos também o teste *Spearman's* em Novo Hamburgo e constatamos novamente que existe uma correlação direta fraca, porém significativa ( $R=0,137$ ;  $p=0,001$ ) entre o ICS e IDL, conforme **Quadro 2**.

**Quadro 2:** Correlação entre ICS e IDL em Novo Hamburgo

Correlações				
			INDICADOR	INDCS
Spearman's	IDL NH	Coeficiente de Correlação	1,000	,137**
		Sig. (2 extremidades)	.	,001
		N	613	613
	INCS NH	Coeficiente de Correlação	,137**	1,000
		Sig. (2 extremidades)	,001	.
		N	613	613

\*\* A correlação é significativa no nível 0,01 (2 extremidades).

Fonte: Projeto de Pesquisa Capital Social e Políticas Públicas/CPP FEEVALE.

N=613

Ano:2012.

Como podemos constatar, em ambos os municípios investigados, os índices de capital social impactaram positivamente sobre os índices de desenvolvimento local.

### Considerações Finais

O objetivo central deste artigo foi investigar a relação existente entre o capital social e o desenvolvimento local a partir do estudo de dois municípios do estado do Rio Grande do Sul, Novo Hamburgo e Estância Velha, ambos localizados na região do Vale do Rio dos Sinos.

Nossa hipótese de trabalho, demonstrada empiricamente, comprovou que o capital social existente nestas localidades constituiu-se em uma variável importante para explicar o desenvolvimento local. Em ambos os municípios analisados, observamos que o capital social correspondia quase que linearmente ao IDHM de cada município, em outras palavras, havia certa correspondência entre os índices de capital social com os indicadores oficiais de desenvolvimento, tanto em Novo Hamburgo, como em Estância Velha.

A partir desta primeira análise e a fim de comprovarmos a correlação entre o capital social e o desenvolvimento local, criamos um índice de desenvolvimento local (IDL) com base no conceito de Sen (2000) e do índice de potencial de qualidade de vida de Baquero (2007) de maneira piloto e cruzamos com nosso índice de capital social (ICS). Neste sentido, aplicamos o teste *Spearman's* em ambas as cidades e constatamos que havia uma correlação direta fraca, porém significativa, tanto em Novo Hamburgo ( $R=0,137$ ;  $p=0,001$ ) quanto em Estância Velha ( $R=0,133$ ;  $p=0,001$ ), entre o ICS e IDL. Pensamos que esta correlação pode aumentar na medida em que aperfeiçoarmos nosso IDL a partir destes estudos comparativos.

Neste sentido, este artigo demonstrou que a confiança que as pessoas nutrem umas nas outras, bem como as formas de participação, solidariedade e cooperação estão correlacionadas positivamente com os índices de desenvolvimento local, em outras palavras, com indicadores de longevidade, renda, escolaridade, acesso a bens públicos, entre outros que compuseram nosso IDL.

Evidentemente, há outras variáveis externas, para além do capital social, que podem incidir sobre o desenvolvimento local que não foram arroladas neste trabalho, devido ao recorte teórico e metodológico deste. Entretanto, pensamos que políticas públicas que incentivem a criação de capital social em ambas as cidades, quer seja através da criação de espaços de lazer, diminuição da criminalidade ou formas alternativas de participação comunitária, podem constituir-se como aliadas do desenvolvimento local nestas municipalidades.

## Referências

Anuário da Indústria e Comércio Novo Hamburgo: Os Patriarcas. Novo Hamburgo: Kadosch, Edição 2001/2002.

BAQUERO, Marcello. *Construindo uma outra sociedade no Brasil. O papel do capital social na estruturação de uma cultura política participativa*. Revista Sociologia e Política, Curitiba, nº 21, p. 83 – 108, nov., 2003.

BANDEIRA, Pedro S. *Algumas Hipóteses sobre as Causas das Diferenças Regionais quanto ao Capital Social no Rio Grande do Sul*. (In) CORREA, Silvio Marcus de Souza. **Capital Social e Desenvolvimento Regional**. Santa Cruz do Sul: Ed Edunisc, 2003, p.15/59.

\_\_\_\_\_. **Democracia e desigualdades na América Latina: novas perspectivas**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

CARDOSO, F H ; FALETTO, Enzo. **Dependência e Desenvolvimento na América Latina**. Rio de Janeiro: Editora LTC. 1970. 143 p.

COLEMAN, James S. Social capital in the creation of human capital. **American Journal of Sociology**, vol. 94, Supplement, 1988.

COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO. **Nosso futuro comum**. 2ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 1991.

CUNHA, Luiz. *Imigração e colonização alemã*. IN: PICOLLO, Helga; PADOIN, Maria. **História Geral do Rio Grande do Sul: Império**. Vol. 2. Passo Fundo: Méritos, 2006. p. 279-319.

FURTADO, Celso. **Desenvolvimento e Subdesenvolvimento**. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura. 1961.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br). Acesso em Janeiro de 2014.

KLIKSBERG, Bernardo. **Por uma economia com face mais humana**. Brasília: UNESCO, 2003.

LANDO, A. M.; BARROS, E. C. de. Capitalismo e colonização – os alemães no Rio Grande do Sul. In: DACANAL, J. H. (org.). **RS: imigração e colonização**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

MONASTERIO, Leandro Monteiro. *Medindo o Capital Social: Uma análise das Regiões do Rio Grande do Sul*. (In) CORREA, Silvio Marcus de Souza. **Capital Social e Desenvolvimento Regional**. Santa Cruz do Sul: Ed Edunisc, 2003, p. 61/84.

NUNES, M. F. **O negro no mundo alemão: cidade, memória e ações afirmativas no tempo da globalização**. Tese (Doutorado em Antropologia Social)–Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

OECD. *The Well-Being of Nations: the role of human and social capital*. 2001. Disponível em <http://www.oecd.org/site/worldforum/33703702.pdf>. Acesso em dezembro de 2012.

PUTNAM, Robert. **Comunidade e Democracia**. A experiência da Itália Moderna. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2000.

PUTNAM, Robert. *Bowling Alone: America's Declining Social Capital*. In: Diamond Larry and Plattner, Marc. (Org.). *The Global Resurgence of Democracy*. The Johns Hopkins University Press. Baltimore and London. Second Edition, 1996.

RAMBO, Balduino. Pe. **A imigração alemã**. IN: BECKER, Klaus (org). *Enciclopedia Rio-grandense*. Canoas: Editora regional. 1956. p. 75-123.

RAMOS, Eloísa Helena Capovilla da Luz. *Cidades e sociabilidades (1822-1889)*. IN: PICCOLO, Helga; Padoin, Maria (dir.). **História Geral do Rio Grande do Sul: Império**. Vol. 2. Passo Fundo: Méritos, 2006. p. 423-447.

REIS, Bruno Pinheiro W. **Capital Social e Confiança**: questões de teoria e método. Revista Sociologia Política, Curitiba, 21, p. 35-49, nov.2003.

RENNÓ, Lucio R. (1998). **Teoria da Cultura Política**: vícios e virtudes. BIB, Rio de Janeiro, N 45 1º semestre, p. 71 – 92.

SANTOS, Everton Rodrigo. **Democracia e Desenvolvimento**: Desafios da Sociedade Gaúcha. Ijuí:Unijui, 2013.

SEN, Amartya K. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras. 2000.

SCHEMES, Claudia; PRODANOV, Cleber Cristiano; THÖN, Ida Helena; MARTINS, Rodrigo Perla. **Memória do setor coureiro-calçadista**: pioneiros e empreendedores do Vale do Rio dos Sinos. Novo Hamburgo, RS: Feevale, 2005. 248 p.

SIEDENBERG, Dieter R. Condicionantes político-administrativos do desenvolvimento Regional no Rio Grande do Sul – A Experiência dos COREDES. (In) WITTMANN, Milton Luiz e RAMOS, Marília Patta. **Desenvolvimento Regional. Capital Social, Redes e Planejamento**. Santa Cruz do Sul: Ed Edunisc, 2004, p.135/158.

WEBER, Roswithia. **Mosaico identitário**: história, identidade e turismo nos municípios da Rota Romântica-RS. 310 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre-RS, 2006.